

**COMO ERA**

O valor do real em relação ao dólar variava entre dois limites fixados pelo Banco Central, o piso e o teto da banda cambial. Havia uma banda larga, que valia por cerca de um ano, e uma banda estreita, dentro da qual o BC procurava manter o valor da moeda no dia-a-dia

**ESCADA**

Era como se o valor da moeda em relação ao dólar fosse subindo aos poucos uma escada. A última banda larga, fixada em 20 de janeiro do ano passado, era de R\$ 1,12 a R\$ 1,22. Com a subida lenta, depois de um ano um dólar valia anteontem R\$ 1,2110, próximo ao teto da banda larga

**MOVIMENTO**

As bandas não se deslocavam num movimento uniforme, de modo que o limite superior aumentava sempre mais do que o inferior. Não havia periodicidade certa, mas esse movimento era controlado de perto pelo BC, que mantinha o valor do real dentro dos limites da banda estreita ou intrabanda

**COMO SERÁ**

Desde ontem, a banda estreita desapareceu e os limites da banda larga passaram a ser R\$ 1,20 (piso) e R\$ 1,32 (teto). O valor do dólar em relação ao real vai variar entre esses dois intervalos

**ELEVADOR**

É como se o real tivesse tomado um elevador e "subido", num só dia cerca de 9% — mais do que aconteceria em um ano, se a política anterior tivesse se mantido. Mas a relação real/dólar não ficará parada nesse "andar". Continuará subindo aos poucos, como antes, de um ponto mais alto

**MOVIMENTO**

O deslocamento das bandas continua o mesmo, só que as mudanças acontecerão agora a cada três dias úteis. Corresponderá à média do valor do dólar no período. A previsão é que o valor do dólar permanecerá próxima ao teto da banda, o que resultará numa desvalorização adicional de 3% até o fim do ano

# PREVISÃO DE INFLAÇÃO ALTA

**Rio e São Paulo** — A desvalorização cambial aumentará a taxa de inflação deste ano em dois ou três pontos percentuais, segundo projeção feita pelo economista José Márcio Camargo, da PUC-RJ. Considerando que as projeções do mercado eram de uma taxa entre zero e 1%, isso significa que o Brasil deverá chegar ao final de 1999 com inflação anual acumulada entre 2% e 4%. Já em janeiro a inflação ficará acima do previsto, chegando a 0,5% pelo IPC/Fipe, segundo estimativa do presidente da entidade, Juarez Rizzieri. Antes da desvalorização, a taxa esperada era de 0,3%.

Essas previsões valem se a nova política cambial se sustentar e não

houver mais nenhuma alta brusca no dólar. Os aumentos se refletirão mais nos produtos manufaturados com componentes importados e nos itens que concorrem com similares importados. Um dos reajustes imediatos, que explica a mudança de projeção da Fipe para este mês, ocorrerá nos preços de derivados de petróleo. Segundo Camargo, no entanto, essa alta não será proporcional à desvalorização.

**EXPLOSÃO**

Odaí Abate, economista-chefe do Lloyds, também concorda que a desvalorização do real terá impacto na inflação, mas descarta uma explosão de preços. Ele também não acredita na volta da inflação cres-

cente. Abate lembra que, se a nova política cambial der certo, a desvalorização do dólar no ano passará dos 8% previstos para cerca de 12%. "No acumulado do ano, a diferença entre o cenário anterior e o atual será de apenas quatro pontos percentuais e é esse o impacto a ser medido na inflação", diz.

Pelos cálculos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), o impacto na cesta básica do brasileiro será pequeno, mas ocorrerá. O coordenador técnico do Dieese, Reginaldo Muniz Barreto, explica que parte dos produtos, mesmo produzidos no país, têm a demanda completada por importação. É o caso do arroz, feijão, leite e milho.